

ambiente



Cassiterita ilegal é apreendida pela Polícia Federal em Boa Vista; neste ano, 110 toneladas foram recuperadas. Polícia Federal/Divulgação

Cassiterita é a nova ameaça aos indígenas yanomami

Alta na demanda global por estanho incentiva garimpo ilegal em Roraima

Emily Costa e Sam Cowie

REPÓRTER BRASIL Desmatamento, lama, rios destruídos e indígenas sob ataque. Enquanto a exploração ilegal de ouro na terra indígena Yanomami, em Roraima, deixa cicatrizes na floresta, o fluxo de garimpeiros clandestinos para o território é crescente, já que agora eles têm uma motivação extra: a cassiterita.

Essa nova caça ao tesouro é impulsionada pela valorização e pelo aumento da demanda global por esse mineral, de onde é extraído o estanho — usado nas latas de alimentos, no acabamento de carros, na fabricação de vidros e até na tela dos celulares.

“A cassiterita está comandando Roraima”, diz à Repórter Brasil José Altino Machado, conhecido como Zé Altino, que há mais de 30 anos atua como garimpeiro na Amazônia e se denomina “pioneiro na busca pela cassiterita”, já que chefiou a primeira corrida pelas jazidas no Norte do país.

“Nos anos 1980, eu era sozinho na cassiterita. Todo mundo queria ouro. Agora mudou, todo mundo quer a cassiterita”, conta Zé Altino.

Recentes operações feitas no estado indicam que a exploração do mineral cresce em ritmo acelerado na terra indígena. Em março, a Polícia Federal tinha apreendido 10 toneladas de cassiterita na capital Boa Vista, quantidade que já supera a de 2021, quando 80 toneladas foram recolhidas. Não há registros de apreensões de cassiterita em anos anteriores.

Os pedidos de pesquisa mineral ou de lavra garimpeira para cassiterita, estanho e minério de estanho em terras indígenas da Amazônia Legal também revelam o aumento da demanda por esse mineral. Em 2019, foram 6 requerimentos, passando para 10 em 2020. No ano seguinte, o número quase triplicou, alcançando 27 solicitações.

Só neste ano, até meados de abril, já foram registrados 14 pedidos. Os dados são da

plataforma Amazônia Minda, desenvolvido pelo Infoamazonia, com base em informações da ANM (Agência Nacional de Mineração).

O padrão se repete na terra indígena Yanomami: dos 4 pedidos de pesquisa feitos sobre o território desde o ano passado, 2 são de cassiterita, 1 de minério de estanho e apenas 1 de ouro — alvo exclusivo de todos os 32 requerimentos feitos entre 2014 e 2020.

“Em Homoxi [uma das áreas mais destruídas pelo garimpo], quando acabou o ouro, foram para a cassiterita”, afirma Júnior Hekurari, chefe do Condiisi-YY (Conselho Distrital de Saúde Yanomami e Yekuana).

Segundo ele, as regiões de Xitel e Parafuri, próximas à fronteira com a Venezuela, também estão entre as mais danificadas pela exploração ilegal de minerais.

Procurado, o governo de Roraima disse que a gestão das terras indígenas é de responsabilidade do governo federal, mas ressaltou que parti-

“Antigamente, as pessoas deixavam a cassiterita para trás, não davam bola. (...) Com o tempo, os garimpeiros viram que ela podia render alguma coisa. Então o pessoal começou o contrabando de cassiterita também”

Vladimir de Souza professor de geologia na UFRR (Universidade Federal de Roraima)

cipa de ações de fiscalização e operações organizadas pela União quando solicitado.

Já a Funai informou que suas bases continuam fazendo ações “de proteção, fiscalização e vigilância territorial, além de coibição de ilícitos, controle de acesso, entre outras atividades”.

A ANM, por sua vez, disse que “nenhum requerimento para execução de atividade mineral prospera em áreas com bloqueio legal”, como as terras indígenas.

A valorização do estanho vem incentivando o garimpo ilegal. Em março de 2021, o preço de uma tonelada do metal oscilou entre US\$ 25 mil (R\$ 117 mil) e US\$ 30 mil (R\$ 140 mil). Já em 8 de março deste ano, chegou a ultrapassar US\$ 50 mil (R\$ 234 mil).

“O estanho se beneficiou do isolamento social relacionado à pandemia, já que muitas pessoas estavam trabalhando em casa e compravam itens de tecnologia”, diz Daniel Brieseemann, analista de commodities do Commerzbank AG, o segundo maior banco comercial da Alemanha.

Para ele, a demanda segue alta devido à guerra da Rússia com a Ucrânia, que impulsiona a compra de enlatados, além de gerar problemas no transporte.

“O consumo no mundo aumentou muito, isso força a saída de mais minério”, afirma Zé Altino. “Em volta de Roraima existem uns 15 compradores de cassiterita, pagando bem. Na minha época, 1 kg valia R\$ 5, hoje está em R\$ 100, R\$ 120, R\$ 160”. O mineral extraído ilegalmente costuma ser vendido por valores abaixo dos de mercado.

“Antigamente, as pessoas deixavam a cassiterita para trás, não davam bola”, diz Vladimir de Souza, professor de geologia na UFRR (Universidade Federal de Roraima). “Com o tempo os garimpeiros viram que ela podia render alguma coisa. Então o pessoal começou o contrabando de cassiterita também”.

Segundo fontes ouvidas pela reportagem, os destinos mais comuns da cassiterita ilegal roraimense são Amazonas e Rondônia. Este último estado é o detentor das maiores reservas do mineral no Brasil e possui uma fundição no município de Ariquemes.

Essa alta na exploração da cassiterita pode também estar acarretando aumento no número de acidentes aéreos na região, devido à alta den-

sidade do mineral — pequenos volumes já são muito pesados. Entre junho e dezembro de 2021, cinco desses incidentes no território yanomami foram noticiados.

“Uma tonelada e meia que ia aí, era?”, questiona o narrador de um vídeo que mostra um helicóptero caído na mata. “26 sacos de cassiterita”, afirma em seguida. As imagens, confirmadas pela reportagem, circularam em agosto de 2021.

O saldo da corrida desenfreada por minérios como ouro e cassiterita tem impacto direto nas aldeias yanomami que vai além da devastação ambiental.

Segundo Hekurari, a Unidade Básica de Saúde Indígena de Homoxi, que deveria prestar atendimento a 615 moradores, está sem profissionais há sete meses por falta de segurança, já que a pista de pouso local é controlada pelos garimpeiros. Desativada, a unidade de saúde virou depósito para os minareiros clandestinos.

“Na pista, eles não deixam [a gente] pousar, tem que ‘rodar’ uns 30 minutos. Pedir, insistir e convencer que é da Saúde”, afirma o indígena, que conta ainda que na região há relatos de parentes cooptados pelos garimpeiros em troca de alimentos, munição, cartuchos e espingardas.

Além disso, segundo relatório feito pela Hutukara Associação Yanomami, publicado na última segunda-feira (11), mulheres, adolescentes e crianças têm sido vítimas de violência sexual praticada pelos invasores.

A pista de pouso é um dos meios pelos quais os garimpeiros acessam o território, ao lado de portos e heliportos. Na floresta, os invasores criam acampamentos improvisados, com barracões de madeira e lonas plásticas, onde funcionam os mais diversos negócios — fiscalizações já encontraram salões de beleza, prostíbulo, igrejas e até consultório odontológico nesses garimpos.

A promessa de enriquecimento que atrai legiões de garimpeiros para o território, porém, muitas vezes não passa de ilusão.

Uma cozinheira que chegou recentemente aos garimpos da região do Uraricoera disse à Repórter Brasil que o quadro é de engano e sofrimento. Segundo ela, são comuns as histórias de homens que vão embora frustrados após meses de trabalho que não rendem nada.

Operação apreende balsa de garimpo que invadiu território indígena no Pará

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO Operação do Ministério da Justiça e Segurança Pública apreendeu neste sábado (16) a balsa de garimpeiros que invadiu na quarta-feira (13) o território indígena Xipaya, no Pará. Cinco adultos e dois adolescentes estavam a bordo.

A ação conjunta foi iniciada na sexta (15), com equipes da Polícia Federal, da Força Nacional de Segurança Pública, do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) e da Funai (Fundação Nacional do Índio).

A invasão foi denunciada pela indígena Juma Xipaiá, cacique da aldeia Karimaa. Em relato em suas redes sociais, ela afirmou que os invasores usaram de violência contra o seu pai, que registrava a movimentação com um celular.

“Houve muita dificuldade para localizar a balsa, que não podia ser vista com facilidade do alto por helicópteros”, disse, em nota, o chefe do Serviço de Repressão a Crimes Contra Comunidades Indígenas, o delegado da PF Paulo Teixeira.

“Foi necessário fazer varreduras com lanchas pelos aflu-



entes do rio Iriri, e por isso é uma vitória termos feito o achado em praticamente um dia”, completou.

A embarcação estava atracada em um lugar conhecido como Riozinho do Anfriso, na zona rural de Altamira.

Os adolescentes que estavam a bordo da balsa foram apreendidos e estão sob os cuidados da Justiça, disse o ministério. Já os adultos foram levados para prestar esclarecimentos na delegacia da Polícia Federal de Itaituba.

“A balsa apreendida não será destruída. Nós vamos adotar os procedimentos legais para o que equipamento seja destinado a ações de fiscalização ambiental do ICMBio”, disse Teixeira.

Após a denúncia da invasão, homens da Força Nacional e da PF foram deslocados por via aérea até a aldeia Karimá para reforçar a segurança da tribo, pois havia suspeitas de que os garimpeiros estariam armados.

O território Xipaya possui cerca de 170 mil hectares de extensão e fica localizado a 400 km da cidade de Altamira, região sudeste do Pará. As aldeias localizadas em sua zona de abrangência abrigam cerca de 200 pessoas.

Em suas redes sociais, a cacique Juma afirmou, após a invasão, que os moradores da aldeia estavam com medo dos invasores.

“Entraram com uma balsa supergigante. Agiram com violência com meu pai. Tentaram pegar o celular dele, porque estava filmando. Guerreiros estão descendo para pedir que saiam do território”, disse.

Na segunda (11), em um conflito na Terra Indígena Yanomami, em Roraima, dois indígenas yanomamis foram mortos e outros cinco ficaram feridos num embate com membros de outra aldeia acompanhados, segundo relatos, de garimpeiros. A comunidade atacada é contra o garimpo.



Balsa de garimpo apreendida após invadir território indígena no Pará. Divulgação

ORIENT AUDIO

APARELHOS AUDITIVOS

Atendimento também em Japonês

Pilhas de R\$ 15,00

Por apenas **R\$ 13,00**

compreadas até 3 unidades!

COMO ESTÁ SUA AUDIÇÃO?

NOVA UNIDADE OSASCO!

Aparelhos Auditivos a partir de

12 x R\$ 167,00

(Rótulo)

Aproveite!

LAMPANHA RENOVAR

Traga seu aparelho antigo e tenha até **50% de desconto** nos aparelhos novos.

Central de atendimento (11) 3340-9190 - (11) 97599-7028 - (11) 2361-0463

Liberdade - Rua Galvão Bueno, 412 cj 29

Santana - Rua Voluntários da Pátria, 3744 cj 13

Lapa - Rua Faustolo, 1656

Penha - Rua General Sócrates, 216 - cj 12

São Miguel - Rua Arlindo Colaço, 328 - Cj 34

Oscar Freire - Rua Oscar Freire, 1560

Osasco - R. Cônego Afonso, 53

Tradição e Confiança Japonesa.

orient_audio | www.orientaudio.com.br